



(Força Aérea dos EUA, foto de Patrick Albright)

Militar da Guarda Nacional do Estado de Utah executa passagem pela pista de obstáculos no Forte Benning, Estado da Geórgia, durante a avaliação realizada em 15 Nov 12. As candidatas selecionadas estarão entre as poucas mulheres que cursarão a exigente Escola de *Rangers* do Exército, como um dos primeiros passos das Forças Armadas dos EUA rumo à sua inclusão na Unidade de combate de elite.

Mulheres em Combate

A Questão dos Padrões

Jude Eden

As mulheres nas Forças Armadas estão sendo dissuadidas de treinar para alcançar os padrões exigidos dos homens? É por isso que todas as mulheres que participaram do Curso de Oficial de Infantaria do Corpo de Fuzileiros Navais fracassaram? Essa é uma das alegações feitas pela 1ª Ten Sage Santangelo, do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos da América (EUA), em seu artigo de março de 2014 para o jornal *Washington Post*. Sendo uma das reprovadas entre as 29 participantes do curso, quando da redação deste artigo, Santangelo afirma:

Acredito que eu conseguiria ser aprovada, assim como outras participantes, se os padrões para homens e mulheres fossem iguais desde seu ingresso no Corpo de Fuzileiros Navais, se o treinamento de força e resistência começasse mais cedo para os interessados em servir na infantaria e se as mulheres recebessem uma segunda chance, como os homens. [...] As mulheres não são incentivadas a desenvolver a mesma resistência mental que os homens. Ao contrário, dizem-lhes que não são capazes



(CFN dos EUA, foto de Cb Marianne T. Mangrum)

Oficial encarregada de uma equipe feminina de engajamento executa patrulhamento em Marjah, na Província de Helmand, Afeganistão, 30 Dez 12. A equipe atuou junto a militares de infantaria do CFN interagindo com mulheres e crianças em apoio à Força Internacional de Assistência à Segurança.

de competir. Enquanto isso, os homens são estimulados a enxergar as mulheres como sendo fracas¹.

Parece que é sempre assim. À medida que qualificações militares tradicionalmente masculinas vão sendo abertas às mulheres, os padrões são questionados e criticados como sendo injustamente discriminatórios, quando a incapacidade delas para atingi-los fica exposta.

Criação de Padrões Diferentes

Foram desenvolvidos padrões diferentes porque toda vez que são submetidas a um teste de avaliação física, as mulheres demonstram que não são capazes de alcançar, uniformemente, os padrões impostos aos homens, além de sofrerem um número bem maior de lesões que eles ao tentarem. Os que defendem ampliar as oportunidades militares para as mulheres nunca insistiram que elas alcançassem os padrões masculinos, porque sua desqualificação significaria um número menor delas nas fileiras. Não conseguiram alcançar os padrões quando as academias militares foram, inicialmente, integradas. Em seu livro *Women in the Military: Flirting with Disaster* (“Mulheres nas Forças Armadas: Flertando com o Desastre”, em tradução livre), de 1998,

Brian Mitchell, da Reserva do Exército, cita os resultados de testes de avaliação física na Academia Militar de West Point e na Academia Naval de Annapolis:

Quando 61% [das novas alunas de West Point] foram reprovadas no teste completo de avaliação física, em comparação a 4,8% dos novos alunos de sexo masculino, foram criados padrões diferentes para as mulheres. Ajustes semelhantes foram feitos a outros padrões. Em Annapolis, um degrau de cerca de meio metro foi instalado em uma pista de obstáculos interna, para ajudar as mulheres a transpor um muro de cerca de dois metros e meio².

Mitchell relata, ainda, que, quando as mulheres foram integradas na Academia da Força Aérea:

O teste de avaliação física da academia incluía flexão de braços, flexão na barra fixa, salto em distância parado e uma corrida de 600 jardas [cerca de 500 metros], mas, como poucas mulheres foram capazes de executar uma flexão na barra fixa ou concluir qualquer um dos demais exercícios, foram estabelecidos diferentes padrões para elas. Deram-lhes mais tempo para correr e reduziram a distância no

salto e o número de flexões de braço. No lugar das flexões na barra fixa, as cadetes do sexo feminino receberam pontos pelo tempo que conseguiram manter-se suspensas na barra [...] Não conseguiram acompanhar as corridas em grupo, ficaram para trás nas marchas em estrada, não conseguiram transpor obstáculos nas pistas preparadas (que foram, posteriormente, modificadas para torná-las mais fáceis), não conseguiram escalar uma corda [...] As mulheres precisaram, em média, de oito consultas médicas na clínica; os homens, de duas visitas e meia [...] Em média, as mulheres sofreram nove vezes mais casos de canelite [síndrome de estresse do medial tibial] que os homens, cinco vezes mais fraturas de estresse e cinco vezes mais casos de tendinite³.

Nessa época, embora estivesse mais adiantado quanto à integração de mulheres, o Exército se deparou com um problema. Não havia padrões baseados nos requisitos de cada qualificação militar e, assim, os recrutas eram designados para funções com base apenas em sua aprovação no teste de avaliação física durante a instrução básica. O Exército designou o devido número de mulheres para funções recém-abertas que exigiam o levantamento de cargas pesadas. Contudo, as mulheres não foram capazes de executar a tarefa, sofrendo índices mais elevados de lesões e apresentando taxas mais elevadas de desistência.

Assim, o Exército estabeleceu um padrão objetivo para testar recrutas e garantir que sua “capacidade física [...] correspondesse aos requisitos das qualificações militares”⁴. Em 1981, introduziram um novo teste de força física no processo de admissão das Forças Armadas dos EUA, denominado *Military Entrance Physical Strength Capacity Test* (MEPSCAT), que classificava a capacidade de levantamento de peso com base nas exigências das qualificações militares como carga leve, média, relativamente pesada, pesada (acima de 50 lb, ou de cerca de 23 kg) e muito pesada (100 lb, ou cerca de 45 kg). “Na categoria de levantamento de cargas pesadas, 82% dos homens e 8% das mulheres se qualificaram”⁵.

Essa é uma situação desastrosa em termos de aprestamento para a missão. Segundo um relatório de 1985, do Exército dos EUA, intitulado *Evaluation of the Military Entrance Physical Strength Capacity Test*

(“Avaliação do Teste de Capacidade de Força Física de Admissão nas Forças Armadas”, em tradução livre), que avaliou o MEPSCAT, caso o teste “houvesse sido um requisito do processo de seleção em 1984, a Força teria gerado um considerável déficit de recursos na categoria de cargas relativamente pesadas (exigência de levantamento de peso de 80 lb, ou cerca de 36 kg), com a rejeição de 32% das candidatas do sexo feminino”⁶.

Em seu livro *The Kinder, Gentler Military: Can America's Gender-Neutral Fighting Force Still Win Wars?* (“Forças Armadas Mais Dóceis e Gentis: A Força de Combate com Neutralidade de Gênero dos EUA Ainda Pode Vencer Guerras?” em tradução livre), publicado em 2000, Stephanie Gutmann afirma que uma integrante da Comissão de Assessoria da Defesa sobre a Mulher nas Forças Armadas reagiu a esses dados com a habitual alegação de discriminação injusta e machismo: “O Exército é uma instituição de orientação masculina, e seus dirigentes são resistentes a mudanças que permitirão que as mulheres sejam plenamente utilizadas. [...] Aqueles padrões [de força] eram um sinal dessa resistência”⁷. A proposta de adotar o MEPSCAT como padrão de teste nunca foi adotada por ele ter exposto a falta de qualificação das mulheres para as funções recém-abertas a elas e para as quais já estavam sendo designadas. A utilização daquele padrão teria resultado em uma representação bem menor das mulheres nas qualificações militares recém-abertas e, por isso, o MEPSCAT foi ridicularizado e rapidamente descartado.

Da mesma forma que seus antecessores, os que insistem na inclusão de mulheres em combate atualmente não são capazes de demonstrar que elas estão aptas a atender aos padrões dos homens, muito menos seus padrões de combate. O Center for Military Readiness (CMR), uma organização independente de políticas públicas, publicou um relatório em outubro de 2014, que confirmou essa conclusão. O relatório citou os testes do Comando de Instrução e Ensino (*Training and Education Command — TECOM*) do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, realizados em 2013⁸. O comando testou 409 voluntários e 379 voluntárias do próprio CFN em diversas tarefas relacionadas ao combate⁹. Os dados ressaltados no relatório incluem resultados sobre o exercício *clean and press* (desenvolvimento em duas etapas); levantamento e transporte de munição de artilharia 155 mm e o muro com degrau de apoio da pista de obstáculos¹⁰.

Segundo o centro, o “exercício *clean and press* consistia em levantar halteres cada vez mais pesados acima da cabeça uma vez (70 lb/32 kg; 80 lb/36 kg; 95 lb/43 kg [e] 115 lb/52 kg) e seis repetições com um peso de 65 lb (30 kg). Nesse exercício, 80% dos homens passaram no teste de 115 lb, em comparação a apenas 8,7% das mulheres”¹¹.

O relatório afirma:

No teste de levantamento e transporte de munição de artilharia 155 mm, que simula o acondicionamento de material bélico, os voluntários tiveram de levantar e transportar 95 lb (43 kg) de munição por 50 metros em menos de dois minutos. O relatório [do CFN] afirmou que “[m]enos de 1% dos homens, em comparação a 28,2% das mulheres, não foi capaz de concluir o exercício de levantamento e transporte de munição de artilharia 155 mm no tempo concedido.” Caso tivessem de “colocar a munição no ombro e/ou transportar várias cargas de munição, o índice de fracasso de 28,2% teria aumentado”¹².

Além disso, o relatório afirma:

Em relação ao muro com degrau de apoio da pista de obstáculos, uma caixa com 20 polegadas (50 cm) de altura (como simulação de um companheiro oferecendo a mão para ajudar) reduziu, em essência, a altura do muro de 7 pés (cerca de 2 m) para cerca de 5 pés e 4 polegadas (1,64 m). Para citar o relatório [do CFN]: “Menos de 1,2% dos homens não conseguiu transpor o muro da pista de obstáculos com o degrau de apoio, enquanto utilizavam [equipamentos de proteção individual] [...] [em comparação a] 21,32% das mulheres que não conseguiram transpor o muro”¹³.

Diferenças Naturais

Há uma explicação para tudo isso, que se chama “natureza”. Ela nos forneceu décadas de dados, para gerar um histórico, que não tem mudado, embora as mulheres estejam participando de esportes e fisiculturismo como nunca. Para executar a mesma tarefa fisicamente exigente, uma mulher faz um esforço bem maior que o homem (que injusto!). Ele tem maior densidade óssea, um coração maior — o que lhe confere uma capacidade aeróbica mais elevada — e é capaz de desenvolver

mais massa muscular. Consegue transportar mais peso e correr mais rápido e por uma distância maior com a carga. Seu esforço em unidades de trabalho vale muitas vezes o da mulher, e ele será capaz de manter um nível exigente e árduo de desempenho por bem mais tempo que ela, tanto no curto quanto no longo prazo. Os padrões diferentes não criaram essa realidade; são uma reação a ela (e à pressão política para abrir mais funções às mulheres). Kingsley Browne observa, em seu livro *Co-ed Combat: The New Evidence That Women Shouldn't Fight the Nation's Wars* (“Combate com uma Força Mista: Novas Evidências de que a Mulher Não Deve Combater nas Guerras da Nação”, em tradução livre), publicado em 2007:

Quando ambos os homens e as mulheres começam em boa condição física, as mulheres ganham menos que os homens com o condicionamento físico adicional, de modo que a diferença entre os sexos na verdade aumenta. Um estudo de cadetes do sexo masculino e feminino da Academia Militar de West Point — tendo todos começado com uma condição física relativamente boa — constatou que, embora a força da parte superior do corpo das mulheres correspondesse, inicialmente, a 66% da força dos homens, ao final dos primeiros dois anos, havia caído para 60%¹⁴.

Além disso, Browne afirma:

As diferenças em desempenho físico entre os sexos estão aqui para ficar. Como observou Constance Holden na revista *Science*, a vantagem masculina nos esportes persistirá, em virtude do “suprimento constante de uma substância para melhorar o desempenho que nunca será proibida: a testosterona endógena”¹⁵.

Em outras palavras, mesmo que se formasse um pelotão com as melhores praticantes de *CrossFit* do sexo feminino, ele não se equipararia a um composto com os melhores praticantes do sexo masculino. Não importa que uma determinada praticante de *CrossFit* seja mais forte e rápida que um homem específico. A ideia de que uma mulher um dia, em algum lugar, seja capaz de alcançar o padrão da infantaria é inadequada para justificar a inclusão de mulheres nas Unidades combatentes. As mulheres precisam atingir e manter, de maneira uniforme e previsível, os padrões dos homens, a fim de demonstrarem igual habilidade e serem úteis no combate.



(STen Tramel Garrett, Com Soc, 25ª Div Inf)

Sargento do Exército dos EUA cruza a linha de chegada durante seleção de mulheres para o curso preparatório para a Escola de *Rangers*, 25ª Divisão de Infantaria, Estado do Havaí, 25 Nov 14. O processo de avaliação, com duração de dez dias, destinou-se à seleção de candidatas para admissão no *Ranger Training Assessment Course*, o principal curso preparatório do Exército para a Escola de *Rangers*, no Forte Benning, Estado da Geórgia.

Mesmo em relação ao padrão geral, que é mais baixo, as mulheres se extenuam com muito mais frequência que os homens, com lesões de mais longo prazo. Mais mulheres deixam as Forças Armadas, quando terminam seus contratos ou mesmo antes. As mulheres frequentemente não estão disponíveis para o trabalho devido a questões femininas. Kirsten Scharnberg, correspondente do jornal *Chicago Tribune*, afirma, em um artigo de 2005, que as mulheres sofrem de forma mais aguda o transtorno de estresse pós-traumático¹⁶. A “oportunidade” de combate está parecendo menos igual a cada momento.

Eu seu livro *Deadly Consequences: How Cowards Are Pushing Women Into Combat* (“Consequências Letais: Como Covardes estão Empurrando as Mulheres para o Combate”, em tradução livre), publicado em 2013, o Cel Robert Maginnis, da Reserva Remunerada do Exército dos EUA, descreve vários estudos militares que mostram o sofrimento físico da mulher em combate:

1. Um estudo da Marinha dos EUA constatou que o risco de lesão do ligamento cruzado anterior relacionado ao treinamento físico militar é quase dez vezes maior para as

mulheres que para os homens. 2. Um estudo cego quanto aos sexos realizado pelas Forças Armadas britânicas constatou que as mulheres sofriam lesões com uma frequência 7,5 vezes maior que os homens ao treinarem com base nos mesmos padrões. [...] 5. As mulheres sofrem o dobro de lesões nos membros inferiores que os homens, segundo um estudo do Exército dos EUA, e se fatigam muito mais rapidamente devido à diferença em “tamanho de músculo”, que as torna mais vulneráveis a lesões não relacionadas ao combate¹⁷.

Em um artigo sobre a Escola de Aspirantes a Oficial publicado na revista *Marine Corps Gazette*, a Cap Ten Katie Petronio, do CFN dos EUA, afirma:

Dos aspirantes excluídos do treinamento por terem sofrido lesões ou por não estarem fisicamente qualificados, as mulheres sucumbiram a taxas bem mais elevadas que os homens, 14% em comparação a 4%. As mesmas tendências foram observadas na Escola Básica em 2011, com a taxa de desistência de 13% para as mulheres em comparação a 5%

para os homens. Além disso, determinou-se que 5% das mulheres não estavam fisicamente qualificadas, em comparação a 1% dos homens¹⁸.

Nós, mulheres, podemos treinar quanto quisermos e aumentar nossa força, resistência e condicionamento físico. Ainda assim, nosso melhor condicionamento não nos colocará no mesmo patamar que os homens que treinam até o limite de sua capacidade, como os das Unidades de combate e das Forças Especiais. Eles representam os 10% melhores dos 10% melhores. Também incorremos em muitos outros riscos para sermos efetivas em termos de custo. Por mais difundido que o feminismo se torne, nossos ossos serão sempre mais leves e mais vulneráveis a fraturas. Nossa capacidade aeróbica continuará sendo entre 20% e 40% menor, e continuaremos sendo menos capazes de aguentar equipamentos pesados em uma corrida árdua. Não é por falta de treinamento. Durante o ano inteiro de 2013, recrutas do sexo feminino foram treinadas para atingir o padrão mínimo de flexão de barra fixa dos homens, ao passarem pela instrução básica do CFN dos EUA. Foram treinadas para passar no teste, mas 55% delas não conseguiram alcançar aquele padrão mínimo, segundo uma reportagem da agência de notícias Associated Press¹⁹. Noventa e nove por cento dos recrutas do sexo masculino conseguem,



(CFN dos EUA, foto de Sgt. Tyler L. Main)

O Batalhão de Instrução de Infantaria, do CFN dos EUA, em Camp Geiger, Estado da Carolina do Norte, começou a integrar as mulheres em um ciclo completo de instrução. Isso ajudará o CFN a avaliar o desempenho das mulheres para determinar a possibilidade de incluí-las em funções relacionadas ao combate.

independentemente de terem sido particularmente atléticos antes de ingressarem na instrução básica.

As mulheres são capazes de escalar o muro de oito pés (cerca de 2,5 m) com a carga de combate total sem o degrau de apoio? Em meio ao combate, não haverá degraus de apoio, como na instrução básica mista (e até na Escola de Aspirantes a Oficial do CFN dos EUA). Santangelo se gaba de ter executado 16 flexões de barra fixa em seu último teste de avaliação física. Isso é excelente, mas o teste é feito de *short* e camiseta e só avalia o condicionamento físico geral, sendo bem menos extenuante que o treinamento de infantaria, quanto mais o de combate. As mulheres são capazes de executar uma dúzia de flexões de barra fixa com todas as vestimentas e equipamentos de combate? Esse é apenas um dos muitos requisitos do Teste de Resistência em Combate (*Combat Endurance Test — CET*). As mulheres são capazes de carregar um homem nas costas com a carga de combate total de 80 lb (36 kg)? Essas diferenças em capacidade são um fator impeditivo no combate — é por isso que esses padrões não são arbitrários. Os militares ainda estão por ver a suposta “guerra por teclas” que os ativistas citam como um fator que compensará a menor força física da mulher. Nossas tropas combatentes tiveram, muitas vezes, de avançar a pé com cargas pesadas no terreno montanhoso do Afeganistão. Os eleva-

dos padrões da infantaria foram concebidos para excluir os fracos, porque acolhê-los significa a perda de vidas e o fracasso da missão. Os padrões do Curso de Oficial de Infantaria do CFN são elevados porque oficiais de infantaria não só precisam ser bem instruídos, corajosos e extremamente atléticos, como também melhores em tudo que os demais integrantes de suas Unidades, já que os fuzileiros navais estão sempre à frente. É por isso que seu lema é *Ductus Exemplo*, isto é, liderança pelo exemplo.

Em 2013, na coletiva de imprensa realizada no Pentágono, em que foi anunciada a revogação da exclusão de mulheres do combate,

o então Secretário de Defesa Leon E. Panetta declarou que elas vêm “servindo em um número crescente de funções essenciais dentro e fora da zona de combate” e que homens e mulheres estão “combatendo e morrendo juntos”²⁰. Entretanto, servir em papéis essenciais e morrer na zona de combate não equivale a demonstrar capacidades iguais em infantaria. Algo notadamente omitido pelos defensores da inclusão de mulheres no combate é o fato de que as que foram feridas ou morreram no Iraque e no Afeganistão não estavam na zona de combate após terem atingido os padrões de infantaria. Honramos seu sacrifício, mas reconhecemos que elas faziam parte de unidades de apoio e passaram pelos testes pré-desdobramento selecionados por seus comandantes (que podem variar muito). Estar presente na zona de combate, por mais perigoso que seja, continua sendo algo muito diferente das missões ofensivas conduzidas pelas tropas de combate. Entretanto, os defensores das mulheres em combate estão dispostos a manter um padrão mais baixo para elas, enquanto pressionam por uma reavaliação. Segundo o correspondente Jim Michaels, do jornal *USA Today*, “Nancy Duff Campbell, copresidente do National Women’s Law Center, diz que o Corpo de Fuzileiros Navais deve reavaliar os padrões antes de submeter as mulheres aos testes”²¹. Em um artigo recente, a Cel Ellen Haring, da Reserva do Exército dos EUA, opinou que o teste de resistência em combate, no qual as mulheres, frequentemente, não conseguem passar, consiste apenas em um rito de iniciação, e não um indicador comparável de adequação à infantaria, e que, por isso, deve ser abandonado como um padrão formal²².

Alegações de Discriminação

A 1ª Ten Santangelo quer que acreditemos que o fato de as mulheres não estarem atingindo os padrões da infantaria se deve a algum outro fator, e não à sua capacidade. Não é culpa das mulheres que 92% delas não consigam executar o exercício *clean and press* com 115 lb (52 kg); é porque os homens são uns brutos que as vitimam. Se o machismo e a discriminação não existissem, as mulheres seriam capazes de carregar cargas mais pesadas por longas distâncias em terrenos irregulares em marcha aceleradas sem sofrer quatro vezes mais lesões. Santangelo alega que não oferecer uma segunda chance no Curso de Oficial de Infantaria equivale a uma discriminação. Isso não

é verdade. Os únicos oficiais, homens ou mulheres, que recebem uma segunda chance são os designados para uma Unidade de infantaria, como explica a Ten Emma Stokein, do CFN dos EUA, em um artigo intitulado “The Mission Goes First: Female Marines and the Infantry” (“A Missão Está em Primeiro Lugar: Fuzileiras Navais e a Infantaria”, em tradução livre)²³. Como as Unidades de combate continuam fechadas às mulheres, elas não recebem uma segunda chance porque isso atrasaria sua instrução na função designada e obrigaria os fuzileiros navais que aguardam sua primeira tentativa a esperarem. Ela e todos os homens que não façam parte da infantaria não recebem uma segunda chance em virtude de sua qualificação militar, e não de seu sexo. Permitir-lhe uma segunda chance (que lhe foi concedida pelo então Comandante, o Alm Esq James F. Amos, após Santangelo ter publicado seu artigo) é que representa “dois pesos e duas medidas”. Ela pede que as regras e padrões sejam ignorados e que lhe concedam um tratamento especial por ser mulher. Esse é um começo interessante para uma oficial que alega querer igual tratamento e comandar homens em combate. Ela quer que os homens sigam seu exemplo? Espera que os homens e mulheres sigam seu exemplo quando for comandante de um pelotão?

Outra alegação sua é que o CFN dos EUA dissuade, deliberadamente, as mulheres de treinarem arduamente. Isso não me parece ser verdade porque é o contrário da minha própria experiência e observações como fuzileiro naval do sexo feminino. Durante meu período de serviço, de 2004 a 2008, jamais alguém me disse (ou a qualquer pessoa que eu conheça) que eu não conseguiria competir por ser mulher ou algo parecido. Não ousariam. Estavam preocupados demais em serem politicamente corretos porque qualquer piada apimentada ouvida por acaso por terceiros teria sido suficiente para uma alegação de assédio sexual. Talvez eu tenha tido uma experiência excepcional ao passar por quatro anos, da base Parris Island ao Iraque, incólume em meio a todos aqueles neandertais. Nunca ninguém tentou me dissuadir de treinar o suficiente, e ninguém teve de me encorajar a treinar mais. Já me esforçava ao máximo, realizando uma grande quantidade de treinamentos complementares para nunca ser o “elo mais fraco”. Provar que a mentira das feministas, de que homens e mulheres sejam intercambiáveis,

exige muito esforço. Frequentava a academia de Camp Lejeune quase todos os dias e nunca notei uma insuficiência de mulheres. As mulheres competem em esportes nos mais altos níveis e, hoje em dia, há uma febre de competições de *CrossFit*, corridas na lama e triatlons *Iron Man* (*Iron Woman!*). Santangelo foi incapaz de sanar suas fraquezas em 2013, se tudo o que era preciso era mais treinamento? Por que uma jovem e forte jogadora de hóquei com a coragem de entrar para o Corpo de Fuzileiros Navais, a capacidade de tornar-se uma oficial e um desejo tão intenso de ver mulheres em combate a ponto de candidatar-se à infantaria acabaria se desanimando por causa do (suposto) desencorajamento de alguém? Como foi capaz de chegar até onde chegou? Eis o habitual enigma do dogma feminista compartilhado por quase todos os que insistem na inclusão de mulheres em combate: as mulheres são tão fortes quanto os homens, mas são vítimas deles. Não são fortes o suficiente para impedir o estupro dentro do país, mas estão prontas para o combate corpo a corpo contra os integrantes do Estado Islâmico do Iraque e da Síria.

Também rejeito a acusação de Santangelo de que os homens nas Forças Armadas são incentivados a enxergar as mulheres como sendo fracas. Na verdade, são estimulados, para não arriscar a carreira, a se forcarem a acreditar que homens e mulheres são intercambiáveis. Os que não se unem ao coro são acusados de travar uma “guerra contra as mulheres.” Em minha experiência, o feminismo e a necessidade de ser politicamente correto são tão predominantes nas Forças Armadas que os homens se desdobram para evitar ofender alguém. Os comandantes não podem nem se atrever a pensar a verdade: que as mulheres não são tão fortes e atléticas quanto os homens fortes e atléticos. É uma questão de biologia e física. É a natureza. O mais importante: é algo uniforme e previsível. As características biológicas das mulheres as tornam uma desvantagem em combate. Os que insistem que Unidades de combate devem ser abertas às mulheres nunca conseguem provar que isso seria um verdadeiro benefício por causa de todos os problemas persistentes. Só conseguem instituir a obrigatoriedade do “duplipensar,” ou seja, uma crença simultânea em duas ideias contraditórias.

Em nome de oportunidades de carreira para as mulheres, os antigos padrões, mais exigentes, já foram

suavizados ou abandonados ao longo das décadas. Foram-se o salto em distância e o transporte de um homem por 40 jardas (36,5 m). Faz tempo que as atividades de treinamento são voltadas a equipes, nas quais as fraquezas individuais são disfarçadas pelo grupo, de modo que o exercício de transporte em padiola por duas pessoas (ninguém se atreveria a dizer “por dois homens”) hoje é o exercício de transporte em padiola por quatro pessoas. Entre os padrões menos rigorosos para as mulheres e a postura politicamente correta que enxerga a transformação de meninos em homens combatentes como abuso, o resultado é um padrão mais baixo de desempenho, de modo geral. Panetta e o Chefe da Junta de Chefes de Estado Maior, Gen Ex Martin E. Dempsey, deram continuidade a essa tradição de décadas em seu comunicado à imprensa, durante a coletiva realizada no Pentágono em janeiro de 2013. Disse o Gen Dempsey: “Se decidirmos que um padrão em particular é tão elevado que uma mulher não conseguiria atingi-lo, cabe à Força responder e explicar por que ele é tão elevado. Realmente precisa ser tão elevado assim?”²⁴

Essa pergunta me parece equivocada, especialmente em tempo de guerra. Entretanto, faz total sentido pelo prisma do ativismo feminista, porque o Gen Dempsey também declarou que os militares “precisam assegurar que haja um suficiente número de mulheres ingressando na carreira militar e já designadas para os comandos e cargos de liderança relacionados”²⁵. A diretrix exige que os testes e a implementação sejam realizados simultaneamente até janeiro de 2016. Caberia aos defensores da inclusão de mulheres no combate provar que elas são capazes de atingir e manter os padrões da infantaria e Forças Especiais tais quais eles são atualmente, e só então deveriam proceder à discussão dos parâmetros dentro dos quais elas poderiam ser efetivamente empregadas em operações de combate. Em vez disso, o Departamento de Defesa fez essa responsabilidade recair sobre as Unidades, que também estão sendo pressionadas a provar que não são machistas, mas marcadas pela diversidade, com a inclusão do número *correto* de mulheres. O orçamento do próximo ano pode depender disso. Além disso, o que acontece, neste tipo de ambiente, se os orçamentos militares estão sofrendo cortes? O Exército reduziu suas fileiras em 20 mil militares recentemente. Quando tudo é mensurado com base

na diversidade e na “igualdade de oportunidades profissionais para as mulheres” acima do aprestamento para a missão, podemos supor que quotas para o sexo feminino continuarão a ser preenchidas, enquanto homens mais qualificados são excluídos.

A Necessidade de Padrões Elevados

Entre as inúmeras excelentes razões para manter a exclusão das mulheres do combate — como as necessidades e riscos adicionais de higiene, sexo, estupro, risco de captura, gravidez, coesão da Unidade, lares destruídos e crianças abandonadas, para enumerar algumas — sua incapacidade para atingir os padrões da infantaria é apenas a primeira e mais óbvia razão. É o muro que os ativistas em favor da mulher no combate não conseguem escalar sem um degrau de apoio, digamos.

Enquanto isso, o argumento em prol de manter a exclusão é facilmente corroborado em todos os aspectos. A inclusão de mulheres em Unidades de combate é ruim para o combate, ruim para as mulheres, ruim para os homens, ruim para as crianças e ruim para o país. O argumento pela exclusão é demonstrável, vez após outra. A postura politicamente correta não tem nenhuma chance contra a natureza. As vitórias da natureza estão diante de nós o tempo todo. Os homens continuam sendo capazes de levantar cargas mais pesadas e de correr mais rápido, arduamente e por mais tempo com mais peso nas costas, sofrendo menos lesões. Continuam sem nunca ficar grávidos. As Unidades de combate têm necessidades às quais as mulheres não conseguem atender. As mulheres têm necessidades que não podem ser conciliadas com a vida em uma Unidade de combate sem que se aceite uma significativa desvantagem e um custo bem maior. Considerando que 99% dos homens são capazes de executar as tarefas de levantamento de carga típicas dos atiradores que 85% das mulheres não conseguem

executar, não há nenhuma insuficiência que elas precisem preencher. Elas já são empregadas nas funções em que são necessárias na zona de combate, como na busca de Inteligência ou, como no meu caso, na revista de mulheres à busca de explosivos.

Não há nada acontecendo na infantaria que os homens não possam realizar e para cuja execução precisem das mulheres. Panetta afirmou que as mulheres estão “servindo em um número crescente de funções essenciais dentro e fora da zona de combate. O fato é que elas se tornaram parte integrante de nossa capacidade para cumprir a missão”²⁶. As mulheres serviram de forma honrosa na zona de combate, mas não segundo os padrões da infantaria ou em missões de “arrombar portas”. Sejamos francos. As palavras de Panetta são um ponto de vista — não exatamente o sonho dos comandantes combatentes quando se trata de criar a “ponta da lança”.

As mulheres militares são fortes, resistentes e dedicadas, por seus próprios méritos. Não precisam fazer parte de Unidades de combate para provar que são importantes ou que servem honrosamente e bem; também não precisam disso para obter oportunidades de carreira. Atingiram alguns dos mais elevados patamares da liderança militar sem ingressar em Unidades de combate. Os EUA estão em guerra contra bárbaros que estupram crianças, matam em nome da honra, executam ataques suicidas e são propensos a amputar, que estão decapitando e estuprando através do Iraque e Afeganistão, sem se deixarem limitar por regras de engajamento ou indicadores de diversidade. Os elevados padrões masculinos das Forças Armadas dos EUA existem para que a nação possa sair-se vitoriosa contra seus inimigos com o menor número possível de baixas. Devemos considerar as tentativas de abandonar os elevados padrões como sendo prejudiciais a todos, e devemos rejeitá-las completamente. ■

Jude Eden serviu no Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA entre 2004 e 2008 como especialista em comunicação de dados. Serviu, também, em postos de controle junto à infantaria do CFN nos arredores de Fallujah de 2005 a 2006, durante a Operação Iraqui Freedom. Possui o título de bacharel em Literatura de Língua Inglesa e Ciência Política pelo Hillsdale College e escreve sobre vários assuntos, com um foco nas mulheres em combate, no blog politicanimalblog.com. É, atualmente, administradora de uma central de dados em Wilmington, Estado da Carolina do Norte. Seu perfil no Twitter é @Jude_Eden.

Referências

1. Sage Santangelo, "Fourteen Women Have Tried, and Failed, the Marines' Infantry Officer Course. Here's Why", *The Washington Post*, 28 Mar. 2014, http://www.washingtonpost.com/opinions/fourteen-women-have-tried-and-failed-the-marines-infantry-officer-course-heres-why/2014/03/28/24a83ea0-b145-11e-3-a49e-76adc9210f19_story.html (acesso em 12 jan. 2015).
2. Brian Mitchell, *Women in the Military: Flirting With Disaster* (Washington, DC: Regnery Publishing, Inc., 1998), p. 58. Mitchell cita Department of Behavioral Sciences and Leadership, *Project Athena: Report on the Admission of Women to the U.S. Military Academy*, vols. I-IV (West Point, NY: U.S. Military Academy, 1 June 1979)
3. Mitchell, p. 42. Mitchell também cita Lois B. DeFleur, David Gillman e William Marshak, "The Development of Military Professionalism Among Male and Female Air Force Academy Cadets" (paper, Inter-University Seminar on Armed Forces and Society, Oct. 1977), p. 168. Ao ingressarem, os cadetes são submetidos a testes de avaliação física. Os homens executaram, em média, 11 flexões na barra fixa. As mulheres obtiveram, em média, 24,1 segundos na "suspensão com os braços flexionados". Mitchell também cita DeFleur, Gillman e Marshak, "Sex Integration of the U.S. Air Force Academy, Changing Roles for Women", *Armed Forces and Society* 4(4) (August 1978): p. 615.
4. Office of the Deputy Chief of Staff for Personnel, Department of the Army, "Women in the Army Policy Review", *Final Report of Women in the Army Policy Review Group* (Washington, D.C.: Department of the Army, 12 Nov. 1982), p. 9, <http://www.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a122251.pdf> (acesso em 23 jan. 2015).
5. *Ibid.*, p. 2-16.
6. Force Systems Directorate of the U.S. Army Concepts Analysis Agency, *Evaluation of the Military Entrance Physical Strength Capacity Test (E-MEPSCAT)* (Bethesda, MD: U.S. Army Concepts Analysis Agency, 1985), p. v.
7. Stephanie Gutmann, *The Kinder, Gentler Military: Can America's Gender-Neutral Fighting Force Still Win Wars?* (New York: Scribner, 2000), p. 254.
8. Center for Military Readiness, *U.S. Marine Corps Research Findings: Where is the Case for Co-Ed Ground Combat?*, October 2014, p. vi, <http://cmrlink.org/data/sites/85/CMRDocuments/InterimCMRSPecRpt-100314.pdf> (acesso em 9 jan. 2015). Veja o relatório do CMR para obter informações sobre outras fontes de dados relativos ao U.S. Marine Corps Training and Education Command e Naval Health Research Center.
9. *Ibid.*
10. *Ibid.*
11. *Ibid.*
12. *Ibid.*
13. *Ibid.*
14. Kingsley Browne, *Co-ed Combat: The New Evidence That Women Shouldn't Fight the Nation's Wars* (New York: Penguin Group, 2007), p. 24. Browne cita Phillip Bishop, Kirk Cureton e Mitchell Collins, "Sex Difference in Muscular Strength in Equally Trained Women", *Ergonomics* 30, no. 4 (1987): p. 675-687.
15. Browne, p. 26. Browne cita Constance Holden, "An Everlasting Gender Gap?", *Science* 305, no. 5684 (Jul. 2004): p. 639-640.
16. Kirsten Scharnberg, "Stresses of Battle Hit Female GIs Hard", *Chicago Tribune*, 20 Mar. 2005, http://articles.chicagotribune.com/2005-03-20/news/0503200512_1_ptsd-female-veterans-female-troops (acesso em 12 Jan. 2015). Scharnberg afirma: "E estudos indicaram que muitas dessas mulheres sofrem de formas mais evidentes e incapacitantes de transtorno de estresse pós-traumático que os homens".
17. Robert L. Maginnis, *Deadly Consequences: How Cowards Are Pushing Women Into Combat* (Washington, DC: Regnery Publishing, Inc., 2013), p. 122. Veja Maginnis para obter informações sobre os vários estudos que ele cita.
18. Katie Petronio, "Get Over It! We Are Not All Created Equal", *Marine Corps Gazette* 97:3, March 2013, <https://www.mca-marines.org/gazette/2013/03/get-over-it-we-are-not-all-created-equal> (acesso em 12 jan. 2015, login necessário).
19. Associated Press, "Half of Female Marines Fail 3-Pullup Requirement", 2 Jan. 2014, disponível em CBSNews.com, <http://www.cbsnews.com/news/most-female-soldiers-fail-3-pullup-requirement/> (acesso em 12 jan. 2015).
20. Ex-Secretário de Defesa Leon E. Panetta, conforme citado na transcrição pelo Departamento de Defesa do comunicado à imprensa do então Secretário Panetta e do Chefe da Junta de Chefes de Estado-Maior, Gen Ex Martin E. Dempsey, no Pentágono, 24 jan. 2013, <http://www.defense.gov/transcripts/transcript.aspx?transcriptid=5183> (acesso em 12 jan. 2015).
21. Jim Michaels, "First Marine Ladies Head to Infantry Training in Quantico", *Business Insider.com*, 3 Oct. 2012, <http://www.businessinsider.com/first-marine-ladies-head-to-infantry-training-in-quantico-2012-10> (acesso em 12 jan. 2015).
22. Ellen Haring, "Can Women Be Infantry Marines?", Charlie Mike Blog, *War on the Rocks.com*, entry posted 29 May 2014, <http://warontherocks.com/2014/05/can-women-be-infantry-marines/#> (acesso em 12 jan. 2015). Haring afirma: "o teste de resistência em combate [Combat Endurance Test] serve como um rito de iniciação e não como um teste de qualificação militar. São necessários ritos de iniciação em nossas Forças Armadas? [...] Vamos dizer o que ele realmente é: uma iniciação desafiante para admissão em um grupo de elite que se orgulha de ser resistente, resiliente e leal às crenças fundamentais deste país".
23. Emma Stokien, "The Mission Goes First: Female Marines and the Infantry", Charlie Mike Blog, *War on the Rocks.com*, entry posted 3 Jun. 2014, <http://warontherocks.com/2014/06/the-mission-goes-first-female-marines-and-the-infantry/#> (acesso em 12 jan. 2015). Stokien afirma: "As mulheres ainda não podem ser designadas como oficiais de infantaria O302 mesmo que sejam aprovadas no curso. [...] Os fuzileiros navais que não estão destinados à infantaria devem, posteriormente, receber instrução e desempenhar as funções para as quais tenham sido designados, a fim de atender às necessidades do Corpo de Fuzileiros Navais. Tentativas repetidas de concluir o Curso de Oficial de Infantaria pode tomar a maior parte de um ano, além de um fluxo já extenso de treinamento.
24. Gen Ex Martin E. Dempsey, conforme citado em transcrição pelo Departamento de Defesa do comunicado à imprensa do então Secretário de Defesa Leon E. Panetta e do Gen Dempsey, no Pentágono, 24 jan. 2013.
25. *Ibid.*
26. *Ibid.*, ex-Secretário de Defesa Leon E. Panetta.